

atividades na agricultura, no comércio e profissões liberais. É verdade que depois da publicação do **Registro de estrangeiros**, pelo Arquivo Nacional, muitas dúvidas deixam de subsistir; o que importa, porém é a sua sinalização ao vivo. Assim, vemos surgir pessoas conhecidas e ligadas às nossas atividades, como Louis Dominique Pharoux, dono de hotel e construtor do famoso cais, que tem o seu nome; ou o General Hogendorf, plantador de café nas redondezas do Rio de Janeiro, etc. Mais rica é a informação que dá sobre uma grande negociante nacional, o que mostra a existência de forte segmento de uma burguesia comercial brasileira: "entre as personalidades dignas de nota do Rio de Janeiro, foi-me apresentado certo banqueiro de nome Roche, dos mais ricos negociantes da capital, que possui várias casas importantes na cidade e arrabaldes. É comendador da Ordem de Cristo e ainda tem outras condecorações. Vi-o trabalhando no escritório da cidade sempre a ostentá-las todas. Tem mais ou menos cinquenta anos... Sua grande fortuna proporciona-lhe uma vida confortável e agradável. As salas de sua casa são bem mobiliadas e decoradas e ele dá-se ao luxo de sustentar quatro amantes para seu prazer. Deve estar em estreitas relações de negócios com a corte, à vista dessas condecorações. O navio em que viajei de volta à Europa fôra por ele fretado para levar 30.000 arrobas (dez mil quintais das nossas medidas) de mercadorias suas..." (o tradutor identifica esse personagem com Francisco da Rocha, 1.º Barão de Itamarati e decano do Corpo do Comércio do seu tempo).

O problema dos escravos, do tráfico, do exército, dos capitães-do-mato, da alimentação e da descrição das casas, etc. são questões abordadas constantemente no livro. A obra de Rango, também desenvolve, de maneira mais imprecisa e breve, quase todas as questões assinaladas, o que torna as duas obras citadas, documentários importantes e imprescindíveis para o estudo político, econômico e social do Brasil no início do século XIX.

EDGARD CARONE

OS DEUSES MALDITOS

Por Luchino Visconti. São Paulo, Civilização Brasileira, 1970. 229 p. il.

A fita de Luchino Visconti transcende o simbólico e atinge o cerne de uma temática universal — a destruição do indivíduo e de uma sociedade. Nessa análise, o diretor joga com uma problemática que se situa entre a ficção e a realidade.

As escolhas do nazismo e da Alemanha aparecem ao diretor como "verdadeiramente exemplar sob o ponto

de vista de uma situação histórica", pois, apesar de o fenômeno facista ser geral, é na Alemanha que ele toma aspectos de tragédia e se torna exemplar para todos. E é como símbolo que surgem personagens e situações: "todo aquele que viu o filme teve a impressão de que ele era mais do que um filme histórico; e fizeram comentários neste sentido, como uma observação positiva; ou seja, como se o filme, que podia correr o perigo de acabar sendo apenas um filme histórico, não o fôsse, e isto não porque os personagens são simbolizados, mas porque provavelmente o sentido do filme é qualquer coisa mais do que a representação de uma fase histórica da Europa. De qualquer maneira, eu nunca pretendi fazer um filme histórico".

Dentro desse contexto, a fita se desenvolve, retratando, em dois planos, duas situações que se interligam: a decadência da família Essenbach (que simboliza a família Krupp) e a ascensão do nazismo. A fita centra-se, objetivamente, na tragédia familiar, enquanto o nazismo aparece como elemento simbólico e opressivo — encarnado na pessoa de Aschenbach. O único momento em que o enredo foge deste plano pessoal para o histórico é quando é retratada a noite dos longos punhais, isto é o extermínio de Roehm e dos SS, ato de aliança entre Hitler e os generais do exército alemão (29 de junho de 1934).

Porém, é a simbologia que domina a fita. Inicialmente, ela se delinea na apresentação dos personagens e nos conflitos latentes que surgem durante a tradicional reunião familiar dos Essenbach: o anúncio (verídico) do incêndio do Reichstag (27-2-1933) e a morte do patriarca Joackin von Essenbach (imaginário) são acontecimentos que aparecem como predestinação: a eliminação dos homens livres da Alemanha e a subida definitiva do nazismo. Visconti critica, assim, a noção dos liberais e comunistas, de que o nazismo era uma farsa e que não iria agüentar-se no poder por muito tempo; ou de que Hitler poderia servir de instrumento político para algumas tendências burguesas. O que afirma é a desapareição, neste dia, da República de Weimar, pensamento repisado pelo nazista Aschenbach, quando diz que "antes que as chamas do Reichstag estejam extintas, os homens da velha Alemanha estarão, nesta noite, reduzidos a cinzas".

E é a partir desta apresentação que Visconti desenvolve os fatores negativos do nazismo, quando o faz aparecer como uma força poderosa e onipotente, surgindo implacável contra todos que se rebelam contra a nova ordem. Não sendo uma história do Terceiro Reich, mas, o estudo da decadência de uma família, a fita mostra o movimento como negação dos valores: ele foi "feito para dar um aspecto quase escandaloso — no sentido

justo — à instauração do nazismo, porque o filme acaba quando o nazismo começa... e eu pretendi exatamente que ele, o nazismo, começasse a medrar num terreno o mais horrível possível, o mais nefasto, para justificar os seus nove anos de vida e tudo aquilo que ele desencadeou depois em todo o mundo". "O nazismo foi negativo em tudo, mas realizando um filme sobre o nazismo torna-se necessário tomar um desses lados negativos, não se pode tratar de todos. Eu queria tratar de um pequeno núcleo, e escolhi uma família; e, nesta família, pretendi localizar os instintos mais baixos, os instintos menos nobres. Trata-se de um exemplo, não significa que o nazismo esteja todo ali."

A negação de valores torna-se, assim, a temática fundamental, transcendendo a todos e tudo. A destruição da família Essenbach — os pontos altos são a cena do incesto e o casamento nazista de Friedrich Bruckman e Sofia von Essenbach — é resultado desta avalanche negativa, quando a catalização de ódios é total, atingindo mesmo aqueles que aparentemente aparecem como contrários e diferentes. Guenther Essenbach, que durante dois terços do filme é o "único personagem de mentalidade sã", acaba sendo possuído pelo ódio. Mas, para Visconti, o fenômeno é coletivo; daí o nazista Aschenbach dizer a Guenther que "você possui uma coisa extraordinária que é este ódio novo que traz dentro de si, mas é um luxo que você o utilize apenas para satisfazer uma vingança pessoal. Nós sabemos como industrializá-lo. Venha conosco e você será um de nós, parte de nós, será um nazista".

O individual aqui é, na verdade, o retrato do geral. Família e nazismo, simbólico e real significam para Luchino Visconti uma realidade maior. "É minha convicção que, entre todas as interpretações do facismo, a mais justa, mais ainda do que as interpretações de caráter freudiano e psicanalítico, é aquela que considera o nazismo como a última fase do capitalismo no mundo, como o último resultado da luta de classe chegada às suas últimas conseqüências, à sua extrema solução, que é aquela de uma monstruosidade como foi o nazismo ou o facismo e que, naturalmente, não pode antecipar senão uma evolução no sentido do socialismo".

EDGARD CARONE

TRATADO DESCRITIVO DO BRASIL EM 1587

Por Gabriel Soares de Souza. 5. ed. Edição castigada pelo estudo e exame de muitos códices manuscritos existentes no Brasil, em Portugal, Espanha e França, e acrescentada de

alguns comentários por Francisco Adolfo de Varnhagen. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1971.

A nova edição do livro de Gabriel Soares de Sousa permite levantar uma série de problemas: a grande parte da literatura histórica sobre o Brasil Colonial e Imperial foi publicada nas décadas de 1930 e 1940, por obra de Fernando de Azevedo e Rubens Borba de Moraes. É verdade que, de maneira esparsa, a Editora Zélio Valverde, ou Edições Cultura, ou Ministério da Educação, etc. editaram grande número de manuscritos ou obras de portugueses, relatos de viajantes ou estudos estrangeiros a respeito de aspectos brasileiros. A quase totalidade delas, porém, está esgotada, tornando difícil o seu manuseio pelo leitor interessado. No entanto, a leitura de um Pohl, um Saint-Hilaire, um Succok, um Koster, um Gardner, um Fernão Cardim, etc., é fundamental para o conhecimento e reavaliação da nossa realidade.

Daí a necessidade da republicação deste cervo; e, conseqüentemente, da precisão em editar obras de viajantes e observadores estrangeiros — e nacionais — inéditos ou praticamente inéditos. Os casos de um Príncipe Adalberto da Prússia, um Lacerda e Almeida, um Conty etc. comprovam a falta de conhecimento quase geral que temos deste manancial que, infelizmente, é conhecido apenas por parte ínfima de nossos estudiosos e bibliófilos.

Entretanto, outra observação deve ser feita, relativa à mutilação ou à falta de sentido crítico de algumas publicações. Os exemplos abundam sobre as más traduções ou edições feitas ao sabor de quem organiza a obra: o caso do livro de Roberto Mendes Gonçalves sobre o Diário do Barão de Hübner é sintomático; a pretexto de "inconveniência", o selecionador escolhe a seu bel-prazer os excertos a serem publicados, sem a mínima consideração pelo valor global ou pensamento do autor. Senão — é o outro caso — são as edições que, como no caso deste Tratado, não incluem uma nota sequer, para não dizermos edições críticas, para ajudar o leitor. Sabe-se que a atual versão, feita sob os cuidados de Varnhagen, é uma existente; mas Pirajá da Silva publicou outra, com o título **Notícias do Brasil**, na Biblioteca Histórica Brasileira. Essa é antecedida por excelente introdução. Natural que as pequenas informações tornar-se-iam úteis para todo estudioso, que se debate com a falta de livros e de bibliografias.

Gabriel Soares de Sousa, nobre português, vem ao Brasil em 1569 e se instala na Bahia e constrói engenho de açúcar. Devido às entradas feitas por um seu irmão, interessa-se pela descoberta de metais preciosos: vai a Portugal, onde consegue, após muitos anos (1584-1590), o alvará para

"prosseguir nos seus descobrimentos além do rio São Francisco". Em 1591 embrenha-se no sertão, onde, depois de muitas peripécias, acaba falecendo.

A obra foi escrita durante os anos que permaneceu em Lisboa e é ofertada, em 1587, a influente político português; seu intuito é fazer uma descrição do mundo brasileiro, porém, trata mais da Bahia. Como diz, "minha pretensão é manifestar a grandeza, fertilidade e outras grandes partes que tem a Bahia de Todos os Santos e os demais Estados do Brasil, do que os Reis passados tanto se descuidaram; a El-Rei Nosso Senhor convém, e ao bem do seu serviço, que lhe mostre, por estas lembranças, os grandes merecimentos d'êste seu Estado, as qualidades e estranhezas d'êie, etc."

É, assim, com o intuito utilitário, que o autor revela, sempre no estilo da época, o roteiro (geografia) da costa brasileira; e a topografia, colonização, agricultura, flora, fauna, etnografia, etc. da Bahia.

A sua vivência e conhecimentos, aliados a um realismo descritivo, fazem do Tratado um verdadeiro repositório de informações imprescindíveis. Como o próprio Varnhagen reconhece, a minúcia e dados fornecidos são fundamentais para a história seicentista; é exatamente por isto que Capistrano de Abreu e todos os outros historiadores reconhecem em Gabriel Soares de Sousa um observador insuspeito.

A prova aparece em qualquer parte do livro: na descrição de Salvador, diz que "passando além da Sé pelo mesmo rumo do norte, corre outra rua mui larga, também ocupada com lojas de mercadores, a qual vai dar consigo em um terreno bem assentado e grande, aonde se representam as festas a cavalo, por ser maior que a praça, o qual está cercado em quadro de nobres casas". Ou, quando trata dos índios: "fazem êstes Ubirajaras suas lavouras, como fica dito dos Amoipiras, e pescam nos rios com os mesmos espinhos, e com outras armadilhas que fazem com ervas; e matam muita caça com certas armadilhas que fazem, em que lhe facilmente cai". Ou, falando das riquezas do mar: "nos mangues se criam outras ostras pequenas, a que os índios chamam lerimirim, e criam-se nas raízes e ramos dêles até onde lhes chega a maré de preamar; as quais raízes e ramos estão cobertos destas ostras, que não se enxergam o pau, e estão umas sobre outras; as quais são pequenas, mas muito gostosas; e nunca se acabam, porque tiradas umas, logo lhe nascem outras; e em todo o tempo são muito boas e muito leves".

Os senões assinalados anteriormente não tiram o interesse que desperta a nova edição do livro. O que se deseja

é que seja feito esforço para as novas edições de livros fundamentais, tanto inéditos como esgotados.

EDGARD CARONE

INDUSTRIALIZAÇÃO E ATITUDES OPERÁRIAS

Por Leôncio Martins Rodrigues. São Paulo, Editora Brasiliense, 1970. 217 p.

Frente à escassez de material empírico para o desenvolvimento dos estudos sociológicos no Brasil, a realização de pesquisas torna-se hoje tarefa fundamental. O trabalho ora apresentado, fruto de um levantamento junto a um grupo de operários, preenche, em parte, essa lacuna. A pesquisa visou a conhecer as atitudes do grupo entrevistado frente à empresa, ao sindicato e à política; com os dados assim obtidos, foi possível levantar hipóteses explicativas do comportamento social e político do proletariado brasileiro. Cabe assinalar aqui que a pesquisa foi efetuada numa grande empresa estrangeira, o que constitui dado importante, pois a maior parcela do proletariado brasileiro encontra-se em indústrias deste tipo.

O tópico principal para a discussão diz respeito às peculiaridades do processo de industrialização brasileiro, tendo-se em conta as condições econômicas, sociais e políticas de um país subdesenvolvido: o comportamento do operariado só pode ser entendido se devidamente situado nesse contexto.

É num país de economia agrário-exportadora, com níveis mínimos de consumo que se processa, num período relativamente curto, a implantação de um setor industrial moderno, com base na importação de avançada tecnologia estrangeira. Passamos, assim, quase que diretamente à produção industrial em série fundada no trabalho semiqualficado. Nesse sentido, a questão que se levanta é a do recrutamento e da composição da mão-de-obra para tais indústrias. Dois níveis, podem ser aí distinguidos:

1. O grosso do pessoal semiqualficado é recrutado entre a massa de migrantes rurais que, recém-egressos de uma sociedade tradicional, sofrem o impacto da civilização moderna, altamente urbanizada e industrializada, com tôdas as conseqüências que o choque entre o velho e o novo acarretam, no plano dos valores, das normas, das aspirações e dos comportamentos sociais.

2. A mão-de-obra especializada é recrutada entre a massa urbana, de maior nível de escolaridade que a massa rural. Maior urbanização, maior nível de escolaridade e maior quali-